

Grandes

Temas da

Educação

Nacional 4

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa

(Organizador)

Grandes Temas da Educação Nacional

4

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G752 Grandes temas da educação nacional 4 [recurso eletrônico] /
Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Grandes Temas da Educação Nacional; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-234-0

DOI 10.22533/at.ed.340190204

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Professores – Condições de trabalho. 4. Professores – Formação.
I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste quarto volume do livro *Grandes Temas da Educação Nacional* as temáticas educativas são tomadas e apresentadas a partir do viés da diversidade de ideias inseridas em cada capítulo, podendo ser apreciadas pelos inúmeros e autênticos leitores das finalidades comunicativas que esta obra propõe: informar e revelar como as competências desenvolvem-se na interação com cada um dos textos que dão forma a esta coletânea.

As reflexões inseridas e propostas neste livro fazem jus à identidade da obra. Os temas são grandes porque promovem a interação entre as diferentes áreas do conhecimento e criam um mosaico da educação nacional pela multiplicidade de ideias e argumentos produzidos por um grupo de pesquisadores comprometidos na função de estabelecer elos comunicativos e, ao mesmo tempo, apresentar as convicções formuladas no itinerário de realização dos eventos de aprendizagens propostos nos capítulos.

A identidade assumida por esta obra faz menção à grandiosidade do nosso país, porque revela nos vinte e um capítulos a aproximação entre as teorias e as práticas utilizadas por seus autores, pois ao colocarem-se na função de autoria, colocam-se também como leitores e interlocutores dos argumentos capazes de trazer outros leitores para o evento interativo da aprendizagem e desenvolvimento das habilidades necessárias: enxergar que cada texto é um texto e cada texto simboliza um evento de comunicação.

O autor do primeiro capítulo propõe elos dialógicos entre o gênero textual argumentativo *Artigo de opinião* e a obra *A Experiência do fora*, de Tatiana Salem Levy. Além disso, reitera que as marcas enunciativas no gênero de texto permitem ao sujeito a experiência e a defesa das ideias-chaves, tendo o texto como um processo de comunicação entre sujeitos. No segundo capítulo, as Tecnologias da Informação e Comunicação Móveis e Sem fio contribuem com o processo de aprendizagem significativa, pois consideram a importância da inserção dos recursos tecnológicos nas ações de ensino e aprendizagem.

As discussões propostas pelo terceiro capítulo, além de apresentar um panorama discente sobre o uso da webconferência, cumpre a funcionalidade de inserir as ações da educação a distância na orientação e aplicações futuras de aprendizagem em que a webconferência simbolize o meio dessa interação. No quarto capítulo, uma breve reflexão voltada à experiência de iniciação ao ensino de monitoria a partir do *Projeto Ato de fazer, Observar, Caminhar, Visitar, Ler e Expor o Desenho*, da disciplina Fundamentos do Desenho I e II, dos cursos de Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas é apresentada ao leitor.

No quinto capítulo, a satisfação discente acerca do uso de flashes cards, como método, apresenta as intervenções de aprendizagem baseadas em problemas. O sexto capítulo preocupa-se no desenvolvimento da empatia em estudantes de medicina à luz das políticas de inclusão, baseando-se nas experiências que são apresentadas e

analisadas.

O sétimo capítulo parte do trabalho reflexivo com alunos de graduação de várias áreas como propostas de orientação de intervenção e reestruturação de praias, aproximando os saberes dos cursos de Engenharia Ambiental e Sanitária, Geografia e Ciências Marinhas. No oitavo capítulo averigua-se a possibilidade de existência quanto ao plano da diferenciação significativa na análise de textos científicos.

As reflexões inseridas no nono capítulo correlacionam a didática utilizada no ensino de Finanças e Contabilidade. No décimo capítulo a temática da educação ambiental representa o ponto de partida no estudo e no combate à degradação urbana e ribeirinha como forma de estruturação dos cursos de artesanatos utilizando as cascas dos mariscos. Já o décimo primeiro capítulo, o ensino de biologia parte do levantamento e da análise dos Objetos de Aprendizagem, entre eles, uma incursão no site Rede Internacional Virtual de Educação (Rived).

No décimo segundo capítulo há uma proposta discursiva sobre o ensino híbrido no curso Técnico em Informática na modalidade semipresencial, apresentando os resultados na implantação dos modelos de rotação por estação e laboratório rotacional. No décimo terceiro capítulo o autor avalia a percepção dos professores do curso de Medicina Veterinária da Estácio à luz da utilização do Facebook como ferramenta auxiliadora das aprendizagens.

No décimo quarto capítulo o uso de portfólios é tomado como instrumento de aprendizagem na visão de alunos egressos do curso de Enfermagem, a partir da realização da pesquisa descritiva em uma abordagem qualitativa. O décimo quinto capítulo compartilha a prática em mediação que os alunos do curso Direito realizaram no Núcleo de Prática Jurídica da Unileão, além de demonstrar a relevância da formação profissional para atuação em novos métodos de resolução de conflitos.

No décimo sexto capítulo, os autores comparam os efeitos de dois tipos de som (música devocional/religiosa e ruído de estática) sobre a germinação de sementes de abobrinha italiana (*Curcubita pepo*). Já o décimo sétimo capítulo circunscreve-se ao aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso Francesa à luz dos domínios postulados por Pêcheux.

Um estudo da história das guerras a partir de jogos de simulação em tabuleiros históricos e geográficos é apresentado no décimo oitavo capítulo. São analisadas questões relativas às obras de José de Anchieta em Latim e na manutenção da latinidade do contexto do Brasil quinhentista, bem como da investigação do trabalho desenvolvido pelo filólogo e linguista Armando Cardoso, principal editor, no décimo nono capítulo.

No vigésimo capítulo, discute-se a origem do Grupo Experimental de Dança Da Silva, além de refletir de que forma a atividade corporal contribui para a desconstrução de padrões corporais sexistas, associados ao gênero feminino. Por fim, no vigésimo primeiro capítulo os autores examinam a poesia de Durvalino Couto a partir do plano da cognoscibilidade e na aproximação com a semiose dos signos verbais no poema.

Os muitos autores que constroem uma verdadeira cartografia de ideias nas páginas desta obra, permitem-se ser lidos e estudados por outros interlocutores de seus textos, pois é somente por meio da experimentação do texto como evento de comunicação e realização da linguagem que o convite a desbravar outros saberes é reinventado. Assim, deseja-se que cada leitor enxergue nos textos um reflexo da própria experiência e as razões para construir-se na aprendizagem e pela aprendizagem.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ARTIGO DE OPINIÃO E A EXPERIÊNCIA DO FORA: ELOS DIALÓGICOS	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902041	
CAPÍTULO 2	16
ADAPTAÇÃO AO U-LEARNING E O ALCANCE DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	
<i>Márcia Cristina de Aquino Passos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902042	
CAPÍTULO 3	28
ENCONTROS SÍNCRONOS NA EAD: PANORAMA DISCENTE SOBRE O USO DA WEBCONFERÊNCIA	
<i>Sabrina Bleicher</i>	
<i>Giovana Schuelter</i>	
<i>Douglas Paulesky Juliani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902043	
CAPÍTULO 4	37
O DESENHO COMO DISPOSITIVO DE RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E MUNDO	
<i>Paula Renata Penteado Oliveira</i>	
<i>Alice Jean Monsell</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902044	
CAPÍTULO 5	42
SATISFAÇÃO DISCENTE ACERCA DO USO DO MÉTODO FLASH CARDS	
<i>Emanuely Thays Muniz Figueiredo Silva</i>	
<i>Adriane Feitosa Macêdo</i>	
<i>Yuri Torres Guimarães</i>	
<i>Márcio Roberto Pinho Pereira</i>	
<i>Sônia Leite da Silva</i>	
<i>Silvia Fernandes Ribeiro da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902045	
CAPÍTULO 6	48
DESENVOLVENDO EMPATIA EM ESTUDANTES DE MEDICINA ATRAVÉS DA INCLUSÃO	
<i>Silvia Fernandes Ribeiro da Silva</i>	
<i>Marina Arrais Nobre</i>	
<i>Luiz Vianney Saldanha Cidrão Nunes</i>	
<i>Rejane Maria Rodrigues de Abreu Vieira</i>	
<i>Rivianny Arrais Nobre</i>	
<i>Sônia Leite da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902046	

CAPÍTULO 7 55

A INTERDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS DO MEIO AMBIENTE: ENGENHARIA CIVIL, ENGENHARIA AMBIENTAL E SANITÁRIA, GEOGRAFIA E CIÊNCIAS MARINHAS

Glacianne Gonçalves de Oliveira Maia
Lucas Barbosa Fernandes
Luis de Carvalho Feitosa Neto
Vitória Lima Tavares
Márcio Roberto de Paula da Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.3401902047

CAPÍTULO 8 63

A MODALIZAÇÃO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE UM ARTIGO DE CIÊNCIAS HUMANAS E UM ARTIGO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Maria de Lourdes G. de Carvalho
Livia Oliveira Biscotto

DOI 10.22533/at.ed.3401902048

CAPÍTULO 9 71

APLICAÇÃO DO CASO ERON NA DIDÁTICA DO ENSINO DE FINANÇAS E CONTABILIDADE

Ednael Macedo Felix
Oderlene Vieira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3401902049

CAPÍTULO 10 88

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DEGRADAÇÃO URBANA EM COMUNIDADES CARENTES NO MUNICÍPIO DE BAYEUX-PB

Maria da Conceição Castro Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.34019020410

CAPÍTULO 11 105

LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM DE CONTEÚDOS DE BIOLOGIA NO RIVED

Rafael César Bolleli Faria
Valéria Cristina Barbosa Carmazini
Janaína Laira Freitas
Natália Miranda Goulart

DOI 10.22533/at.ed.34019020411

CAPÍTULO 12 123

OS MODELOS DE ROTAÇÃO POR ESTAÇÃO E LABORATÓRIO ROTACIONAL NO ENSINO HÍBRIDO DO CURSO TÉCNICO DE INFORMÁTICA SEMIPRESENCIAL: UM NOVO OLHAR DENTRO E FORA DA SALA DE AULA

Eliana Cristina Nogueira Barion
Nádia Cristina de Azevedo Melli

DOI 10.22533/at.ed.34019020412

CAPÍTULO 13	132
PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA ESTÁCIO QUANTO À UTILIZAÇÃO DO <i>FACEBOOK</i> COMO FERRAMENTA AUXILIAR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM EM UM CURSO NA MODALIDADE PRESENCIAL	
<i>William Volino</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020413	
CAPÍTULO 14	146
PORTFÓLIO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM VISÃO DE GRADUANDOS DE ENFERMAGEM	
<i>Ana Lívia Araújo Girão</i>	
<i>Diane Sousa Sales</i>	
<i>Rodrigo Jacob Moreira de Freitas</i>	
<i>Sherida Karanini Paz de Oliveira</i>	
<i>Rhanna Emanuela Fontenele Lima de Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020414	
CAPÍTULO 15	152
DESENVOLVIMENTO DA MEDIAÇÃO NA DISCIPLINA DE PRÁTICA REAL: UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA DO NÚCLEO DE PRÁTICA JURÍDICA DA UNILEÃO EM PARCERIA COM A CASA DE MEDIAÇÃO DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO CEARÁ	
<i>Tamyris Madeira de Brito</i>	
<i>Joseane de Queiroz Vieira</i>	
<i>Zuleide Fernandes de Queiroz</i>	
<i>Alcyllana Nunes Teixeira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020415	
CAPÍTULO 16	161
COMPARAÇÃO ENTRE OS EFEITOS DOS SONS DE MÚSICA DEVOCIONAL/ RELIGIOSA E DE RUÍDO DE ESTÁTICA SOBRE A GERMINAÇÃO DE SEMENTES DE ABOBRINHA ITALIANA (<i>Curcubita pepo</i>)	
<i>Kátia Cristina Fontana</i>	
<i>Claudio Herbert Nina e Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020416	
CAPÍTULO 17	170
SENTIDOS E DISCURSIVIDADES SOBRE A CIÊNCIA NA EDUCAÇÃO: O FUNCIONAMENTO DO UTILITARISMO EM SUGESTÕES LEGISLATIVAS	
<i>Éderson Luís Silveira</i>	
<i>Wellton da Silva de Fatima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020417	
CAPÍTULO 18	186
UM ESTUDO DA HISTÓRIA DAS GUERRAS (OU DA ESTRATÉGIA, OU DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS) ATRAVÉS DE JOGOS DE SIMULAÇÃO EM TABULEIROS HISTÓRICOS & GEOGRÁFICOS	
<i>André Geraque Kiffer</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020418	

CAPÍTULO 19	202
MONUMENTA ANCHIETANA, LATINIDADE E O TRABALHO FILOLÓGICO DE ARMANDO CARDOSO	
<i>Leonardo F. Kaltner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020419	
CAPÍTULO 20	220
EXPERIMENTANDO “DA SILVA”: DANÇAS E IGUALDADE DE GÊNERO EM GURUPI (TO)	
<i>Paulo Reis Nunes</i>	
<i>Claudenira Ferreira de Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020420	
CAPÍTULO 21	229
TRANSUASÃO E COGNOSCIBILIDADE NA POESIA DE DURVALINO COUTO	
<i>Feliciano José Bezerra Filho</i>	
<i>Josivan Antonio do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020421	
CAPÍTULO 22	241
ESTRATÉGIAS NA PROFISSIONALIZAÇÃO DA VIDEOAULA COMO RECURSO POTENCIALIZADOR DO APRENDIZADO	
<i>Jacqueline de Oliveira Lameza</i>	
<i>João Paulo Tenório da Silva</i>	
<i>Livia Moreira Quintana</i>	
<i>Lucas de Mattos Millan</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020422	
CAPÍTULO 23	250
PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA: UM ROTEIRO TEÓRICO-PRÁTICO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
<i>Francisco Carlos Tadeu Starke Rodrigues</i>	
<i>Guilherme Bryan</i>	
<i>Jacqueline de Oliveira Lameza</i>	
<i>João Tenório da Silva</i>	
<i>Lucas de Mattos Millan</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020423	
CAPÍTULO 24	261
A ISO 9001 E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A QUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR	
<i>Francisco Carlos Tadeu Starke Rodrigues</i>	
<i>Jacqueline de Oliveira Lameza</i>	
<i>Leila Rabello de Oliveira</i>	
<i>Lucas de Mattos Millan</i>	
<i>João Tenório da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020424	
SOBRE O ORGANIZADOR	272

TRANSUASÃO E COGNOSCIBILIDADE NA POESIA DE DURVALINO COUTO

Feliciano José Bezerra Filho

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Teresina, Piauí

Josivan Antonio do Nascimento

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Altos, Piauí.

RESUMO: Este artigo, adaptado de capítulo de dissertação, examina como a poesia de Durvalino Couto expressa cognoscibilidade a partir da semiose dos signos verbais no poema. A análise considera o signo *in continuum* numa relação triádica a fim de elucidar a transuasão que acarreta o universo cognoscível que representa. O estudo leva em conta as contribuições teóricas de Peirce (2010, CP, 1931-1958, 8 vols.), Chandler (2007), Pignatari (2004) e outros. As discussões propostas revelam que a poesia é um arcabouço que se torna cognoscível através da transuasão de conceitos como signos verbais em obsistência com o não-verbal. Essa transuasão constrói um conceito geral para uma representação metafórica daquilo que o poema não é. Por conseguinte, o poema se torna um universo verbal capaz de performar cognição para um possível interpretante.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Signo. Cognoscibilidade. Transuasão.

ABSTRACT: This paper, adapted from a dissertation chapter, examines how Durvalino Couto's poetry can express cognoscibility through the semiosis of verbs signs in a poem. The analysis considers the sign in continuum in a triadic relation in order to elucidate the transuasion that entails the cognizable universe it represents. The study highlights the theoretical framework provided by Peirce (2010, CP, 1931-1958, 8 vols.), Chandler (2007), Pignatari (2004) and others. The intended discussions revealed that poetry is a framework that becomes cognizable through the transuasion of concepts acting as verb signs in obsistence with the non-verbal. This transuasion creates a general concept standing for a metaphorical representation of what the poem is not. As a result, the poem becomes a verbal universe able to perform cognition for a possible interpretant.

KEYWORDS: Poetry. Sign. Cognoscibility. Transuasion.

Whatever is real is the law of something less real.

Charles Sanders Peirce

Este artigo é um recorte de capítulo da dissertação de Mestrado intitulada *Os caçadores de prosódias* (1994): uma análise semiótica da poesia de Durvalino Couto defendida no programa de pós-graduação em letras da

Universidade Estadual do Piauí (UESPI) em 2018. O contexto-fonte dessa pesquisa considera o poema como um arcabouço sintático capaz de produzir cognoscibilidade. Considerando que a poesia manifesta-se como uma potência lexical a conjugar na mente o efeito do verbo, este artigo discute como o signo verbal se torna capaz de estabelecer uma relação cognoscível entre os elementos que constituem seu universo verbal. A análise leva em conta as contribuições teóricas de Peirce (2010, CP. 1931-1958, 8 vols.), Chandler (2007), Pignatari (2004) e outros.

Através da iconicidade e obsistência entre os signos o poema se torna visível. A cognitividade do poema se dá através da relação por transuasão entre esses signos, que acarretam uma relação triádica formando assim a Terceiridade. Peirce (2010) descreve que essa categoria de signo caracteriza-se pela participação de um terceiro signo: o *interpretante*. Sendo um signo que mantém a relação entre o representâmen (signo monádico) e o objeto (signo diádico), o interpretante é responsável por formar uma semiose através da inter-relação entre essas categorias (PEIRCE, 2010). Chandler (2007) pontua que o signo é um representâmen que é uma unidade pela qual um objeto é representado. A forma como esse representâmen é interpretado acontece através do interpretante que torna a relação signo-objeto cognoscível. Dessa forma, a Terceiridade constitui um ser que é tal como é em função de relacionar um segundo com um terceiro (ARAÚJO, 2004; PEIRCE, CP. 8.328; PIGNATARI, 2004, p. 43; SANTAELLA, 1992, 2007). Neste sentido, toda Terceiridade engloba Primeiridade e Secundidade, mas nunca o inverso (DEELY, 1990; DE WAAL, 2007). Essas três categorias de signos formam o que Peirce chama de categorias cenopitagóricas, às vezes mencionadas pelo próprio autor como *Ceno-Pythagorean Categories* (PEIRCE, CP. 2.87), *cenopythagorean categories* (PEIRCE, CP. 1.351-352; 2.116; 8.328-329) e *Kainopythagorean categories* (PEIRCE, CP. 7.528; 7.531; 7.536-537).

Um signo terceiro é um signo de lei que media um primeiro e um segundo por meio do pensamento, raciocínio, mediação, condução, transuasão, lógica, convenção social ou meios correlatos que tornam a mente em signo *interpretante*. Dessa maneira, as palavras funcionam como legissignos ou signos que só assumem um sentido em virtude da relação com outras palavras (MERRELL, 2005; PIGNATARI, 2004). Ainda assim, a relação entre elas se dá por meio do encadeamento lógico que condiciona a estrutura e funcionalidade da língua.

Os signos que formam a Terceiridade evidenciam o poder cognitivo que eles evocam, pois são resultantes de uma lei que determina o sentido do próprio signo. Pode-se considerar como exemplo o processo que condiciona a distinção de um texto que é poema de outros que não o sejam. O conceito parte de uma generalização que é concebida a partir de um interpretante que media a relação entre o signo e o objeto. O ser poema em sua estética constitui um encadeamento lógico entre os signos mantendo um diálogo entre si e o universo cognoscível que representam. Badiou (2002, p. 46) pondera que “a verdadeira relação do poema se estabelece entre o pensamento, que não é um sujeito, e a presença, que ultrapassa o objeto”.

Isso demonstra que o poema, em seu nível sintático, apresenta-se como um efeito lógico que determina a obsistência provocada entre os signos que sustentam sua clausura. A presença revela-se entre a clausura e a rasura do arcabouço poético, isto é, a partir do encadeamento lógico-discursivo que se desenvolve por uma obsistência entre poema e não-poema, linguagem e não-linguagem. A originalidade qualitativa da poesia impregna na composição sintática um valor semântico que transborda o próprio verbo, fazendo deste um universo sígnico onde a cognição objetiva a conjugação da linguagem através de um universo maior. Esse universo é composto de categorias de signos que se relacionam entre si por meio do interpretante que determina sua atuação como signo.

Chandler (2007) critica que a classificação dos signos apresentada por Peirce não pode ser concebida sem levar em conta o propósito para o qual tal signo possa ser usado num contexto específico. Chandler considera que um simples mapa, por exemplo, pode ser considerado ícone, índice ou símbolo, o que depende de sua função como signo. Diante disso, nota-se que Chandler destaca um aspecto que ultrapassa a essência do próprio signo: a sua funcionalidade. Todavia, mesmo que um signo possa assumir ao longo do tempo diferentes vieses entre pessoas de épocas diversas, não se pode negar que a essência que caracteriza um ícone não é a mesma do índice e nem do símbolo. Considerar um ícone como um símbolo apenas reforça a arbitrariedade que o signo possui diante da possibilidade do objeto que representa. Neste sentido, quando Peirce (2010) diz que um signo só funciona como tal quando alguém o considera signo, então a essência que um signo possui surge de sua funcionalidade, o que não se confunde com a essência que distingue um ícone de índice ou símbolo. Isso implica que, dessa maneira, embora um mesmo signo possa assumir a essência de classes de signos diferentes, não se pode negar que existem modelos de relação signo-objeto que asseguram determinar um signo conforme seu modo de relação com o objeto independentemente de sua funcionalidade.

Levando em conta essa dimensão do signo em essência e funcionalidade, destaca-se que a sintaxe do poema constitui-se da mesma maneira, já que é formado por signos. De certo modo, se a essência do signo consiste em sua funcionalidade, então, pode-se afirmar que toda referência atribuída ao signo é, antes de tudo, simbólica. Pois todo signo representa aquilo que ele não é. Logo, a representação implica simbolizar o que não é cognoscível sem a representação. Se um poema funciona como ícone para uma determinada introspecção psicológica de um sujeito lírico e, a partir de outro viés, o mesmo texto passa a ser um símbolo que marca a característica de uma geração literária ou ainda representa o uso refinado de uma língua específica na sua forma poética, certamente o poema se torna um signo cuja essência *sui generis* nunca pode ser *de facto* acessível em seu caráter *per si*. Dessa forma, isso seria o mesmo que buscar compreender o mundo e as coisas sem uma linguagem que pudesse traduzir em pensamento e raciocínio os objetos pertencentes a este universo. Assim, se, por um lado, a crítica de Chandler justifica a arbitrariedade do signo, por outro, ela dissipa

do signo a essência genuína *hic et nunc* devido a ênfase dada à funcionalidade do signo. Daí surge a necessidade de entender o signo numa estância filosófica que abarque o próprio signo em si mesmo, a representação e a realidade, tal como cunha Chandler (2007).

A defesa da essência do signo *sui generis* como uma experiência *hic et nunc* é concebida por Peirce como uma categoria de signo chamada de *actisign* (atissigno). São signos que expressam a essência singular de um signo como um evento único encerrado em si mesmo em um determinado instante, tal como a palavra de um texto numa página de uma determinada cópia de um livro (PEIRCE, CP, 8.347). O efeito da singularidade de um signo dentro de um instante no tempo e no espaço remonta à ideia de Paz (2009) ao afirmar que o poema constitui-se de signos que são insubstituíveis. Cada palavra possui dentro do poema uma singularidade que não pode ser substituída por outra. O efeito da poesia reside nessa singularidade do signo tornando o poema em conceito. Desse modo, embora o poema seja constituído de signos regidos em sua própria singularidade, a generalização do poema é a negação da heterogeneidade que constrói o conceito homogêneo. Nomear um texto de poema é ao mesmo tempo negar a essência das unidades mínimas que compõem o arcabouço sintático do próprio texto. A generalização não é dicotômica e que não se encerra na relação causa e efeito. A generalização é transuasiva. Logo, é triádica. Nesse sentido, todo poema se torna uma metáfora do objeto ao qual se refere. Primeiro porque representa o objeto parcialmente: a qualidade do objeto se limita ao propósito e ao ângulo pelo qual foi observado e traduzido em linguagem pelo sujeito lírico. E, segundo, pelo fato de a representação do objeto se dá através de palavras, que são símbolos que expressam a ideia das coisas, sem serem elas propriamente dita (PEIRCE, CP, 2.298).

Embora não tenham como objeto aquilo que não são, as palavras podem representar a si mesmas, como na metalinguagem. O poder de uma palavra sugerir uma ideia quer seja ela mesma ou não se deve à comunidade do interpretante que condiciona tal essência na linguagem. Essa referência ao interpretante como parte da comunidade é discutida por Kress (2005) ao considerar que o signo se torna um efeito do social. A combinação do significante com o significado (signo/objeto) resulta de contingências histórico-sociais num determinado meio incluindo relações de poder e solidariedade. Isso possibilita a linguagem de representar certo objeto tanto tal como ele poderia ser, como também distorcer a ideia da essência desse objeto. Surge daí a necessidade de elucidar a semiose que torna o poema cognoscível.

Ao desenvolver-se a partir de um sistema de signos que são regidos por um interpretante, a poesia abrange um universo sintático heterogêneo cuja fronteira é reconstruída a cada leitura condicionada pelo espaço-tempo. Peirce determina que o interpretante pode ser imediato, dinâmico e final. O primeiro pode ser entendido como a qualidade que certa assertiva contém em sua clausura. O dinâmico se refere ao impacto provocado pelo propósito que condiciona o interpretante imediato. E o final é o argumento que resulta do diálogo entre o interpretante imediato e o dinâmico. Todavia,

na poesia o que se pode defender é a existência de um interpretante final apenas para cada leitura ou modo de reconhecer o signo que compreende uma parcela do universo que o poema representa. Se a poesia se restringisse a um interpretante final e absoluto, o poder metafórico do poema se reduziria a apenas um conceito lógico. Logo, não seria poesia. Para Badiou (2002), o poema situa-se numa operação que se faz presença sobreposta à sua objetividade:

Essa idéia é capital: o poema não é nem uma descrição, nem uma expressão. Tampouco é uma pintura comovida da extensão do mundo. O poema é uma operação. O poema nos ensina que o mundo não se apresenta como uma coleção de objetos. O mundo não é aquilo que coloca objeção ao pensamento. É — para as operações do poema — aquilo cuja presença é mais essencial que a objetividade (BADIOU, 2002, p. 44).

A partir de Badiou é possível considerar que o poema é uma presença cujo efeito se desloca de sua iconicidade e o poder de representação. A operação do poema estabelece a presença como a própria cognitividade poética. No entanto, até que ponto essa presença sobrepõe a objetividade que condiciona tal presença? Embora a experiência da presença construa uma cognição que transborda os limites da linguagem, seria equivocado conceber o poema como uma presença absoluta quando seu arcabouço resulta da tradução de outras operações ocorrendo no nível introspectivo. Pensar o poema é repensar a cognição que o condiciona. A experiência no poema parte de um pensamento traduzido de outro. Peirce (CP. 7.337) postula que a experiência direta parte do próprio pensamento que causa outro construindo uma rede de raciocínio cujo início e fim não são claramente delimitados.

Isso implica que o poema constitui-se de signos que funcionam como fatores externos a fim de provocar, associar e desenvolver o pensamento por ele representado. O pensamento não está no signo e tampouco no objeto. Está no interpretante que determina o signo pelo qual o pensamento é traduzido através do poema. Desse modo, a presença do poema tal qual se pode considerar a partir de Badiou engloba tanto o pensamento que o eu lírico traduz em linguagem quanto o encadeamento lógico que possibilita o signo funcionar como tal e provocar o efeito poético. O diálogo entre esses dois universos possibilita o poema de produzir um efeito metafórico plural. A diversidade com que as coisas podem ser concebidas parte das relações diversas que o sujeito pode ter em relação a elas, como defende Peirce (CP. 7.335).

A elucidação da cognoscibilidade como fenômeno pertencente à presença do poema tem como propósito o efeito poético. Não sendo a coisa em si, o objeto poético a ser construído decompõe-se a partir da generalização da linguagem como signo ao constituir-se como tal no interpretante. O arcabouço sintático é composto de signos que em semiose afloram seu poder metafórico. É o processo que torna o signo cognoscível, como se pode perceber no poema seguinte:

Não existe literatura
no Piauí
em Sampa
ou Singapura
quando
apenas
retoco
minha obra
única
com um toco
de pena,,,,,,,,,
,,,,,,,,,,,,,,,,,
como quem bota florzinhas
no próprio túmulo

(DURVALINO COUTO, 1994, p. 107).

Durvalino Couto apresenta um poema no qual a inclemência do sujeito lírico se torna próprio objeto de representação poética. O poema exige do eu poético mais do que uma codificação sintática. A literatura tal como critica o sujeito deve transbordar as fronteiras da linguagem no verso. Assim, até que ponto esse arcabouço deve se sobrepôr à objetividade que condiciona sua presença? Certamente o sintático poético não se sobrepõe à cognição que produz em função de o poema resultar do próprio interpretante. Esse signo terceiro é o fator que decompõe o efeito poético de um determinado texto e o classifica como poema. As palavras do poema são legissignos, que é um signo de lei e que comporta sinsignos (PEIRCE, 2010; PIGNATARI, 2004; SEBEOK, 2001). A classe gramatical de cada palavra do poema é um dos principais fatores que determina a essência do signo envolvido e sua participação na construção de sentido no poema. No poema citado anteriormente, o substantivo atua como um signo terceiro que direciona o interpretante ao objeto poético, cuja essência corresponde ao Símbolo Remático ou Rema Simbólico descrito por Peirce em sua 8ª classe de signo:

Um Símbolo Remático ou Rema Simbólico (e.g... um substantivo comum) é um signo ligado a seu Objeto através de uma associação de idéias gerais de tal modo que sua Réplica traz à mente uma imagem a qual, devido a certos hábitos ou disposições dessa mente, tende a produzir um conceito geral, e a Réplica é interpretada como um Signo de um Objeto que é um caso desse conceito (PEIRCE, 2010, p. 56).

Diante disso, o poema assume uma essência que se manifesta a partir de sua operação sintática endofórica, que está para um universo transuasivo no nível do interpretante. Ambos os processos constituem em diálogo o efeito poético da linguagem. Em seu arcabouço existem signos que se relacionam por meio de diferentes categorias. A inter-relação entre essas categorias se desenvolve numa semiose que, por seu turno, produz um objeto poético plural tendo como base um arcabouço icônico

singular. No nível da Terceiridade, as palavras que participam de relações triádicas devem ser observadas tanto no nível sintático (arcabouço icônico), como no cognitivo (efeito obsistente-transuasivo). Ambos os processos são imprescindíveis um do outro. O primeiro corresponde à presença com a qual o poema se manifesta (linguagem, métrica, sonoridade...); o segundo corresponde ao efeito cognitivo que tal presença provoca num determinado interpretante. Cumpre lembrar ainda que, antes que o poema se torne presença, é preciso que um interpretante determine a composição do poema, cujo efeito de composição pode ou não ser o mesmo do efeito de produção de sentido.

No âmbito sintático-cognitivo, pode-se considerar o substantivo e o verbo como as duas principais classes gramaticais cuja relação signo-objeto se dá através de um processo transuasivo que ordena a intersemiose entre o que é e o que não é linguagem. Esse modo de relação triádica se difere das outras classes de palavras ao possuir um objeto que não é a própria linguagem, como as conjunções, os advérbios e as preposições, por exemplo. Esses tipos de signos atuam como legissignos que se diferenciam por sua respectiva réplica dentro de um contexto, como é o caso dos atissignos. Por outro lado, um substantivo possui um objeto que é um conceito geral. Ele representa apenas a ideia que se implica de um objeto que não é a coisa *de facto* em sua singularidade. Assim, os substantivos representam, por convenção social, a presença do abstrato e do concreto como uma experiência imediata do interpretante em um determinado instante. Por conseguinte, o verbo representa as ações e o estado pelo qual certa experiência acontece no tempo e no espaço. Em resumo, verbos e substantivos (sintático-cognitivamente) funcionam como símbolos. A singularidade de seu objeto é constituída do universo do interpretante do receptor. Isso torna o poema numa operação metafórica: a constituição do efeito cognitivo daquilo que representa o que não é.

Os substantivos comuns *literatura, obra, toco, pena, florzinhas e túmulo* ao lado dos substantivos próprios *Piauí, Sampa e Singapura* servem como signos que possam representar a ideia que o eu pretende traduzir em linguagem. Os substantivos refletem o sentido dos verbos *existir, retocar e botar*. No entanto, como assegurar que o objeto poético de fato possa ser o mesmo que o sujeito compreende no nível introspectivo se os signos que compõem o poema são apenas conceitos gerais? Certamente o efeito surge pelo fato de os signos representarem a ideia da coisa, e não a coisa em si. Os signos que designam os conceitos apresentados pelos substantivos e as demais classes de palavras constituem um poema cujas fronteiras metafóricas transbordam a própria sintaxe. Esse efeito não seria possível se os conceitos fossem substituídos pelas coisas que representam. Isso quer dizer que uma cidade, um estado, uma obra, um toco de pena, e várias flores não são e tampouco fazem um poema. Todavia, a ordenação dos conceitos que designam essas coisas em si de fato constitui um poder comunicativo que pode assumir a essência de poesia. Uma cesta com flores não é um poema, mas a orquestração dos conceitos que a representa se torna poesia.

O que produz o efeito não é a coisa em si, mas a ideia que se tem delas quando são acessíveis ao interpretante por meio de um sistema de signos. Desse modo, a cognoscibilidade do poema surge, então, da operação sintático-cognitiva de sua estrutura e a funcionalidade de seus signos como símbolos que, segundo Peirce, podem ser compreendidos a partir de três categorias:

Os símbolos, e de alguma maneira outros Signos, podem ser *Termos*, *Proposições* ou *Argumentos*. Um *Termo* é um signo que deixa seu Objeto, e a *fortiori* seu Interpretante, ser aquilo que ele pode ser. Uma *Proposição* é um signo que indica distintamente o Objeto que denota, denominado de seu *Sujeito*, mas que deixa seu Interpretante ser aquilo que pode ser. Um *Argumento* é um signo que representa distintamente o interpretante, denominado de sua *Conclusão*, que ele deve determinar (PEIRCE, 2010, p. 29, grifo do autor).

Se um símbolo pode ser compreendido como Termo, Proposição e Argumento e um poema se ordena em torno de símbolos, então a cognição do poema pode ser compreendida a partir das seguintes premissas:

- a) Primeiro: se a literatura transborda o tópo de pena retocando uma obra única, minha obra não é um túmulo.
- b) Segundo: retoco minha obra única.
- c) Terceiro: não faço literatura.

A defesa da obra como túmulo desenvolve uma metáfora para criticar o fazer literário como uma atividade centrada na própria finitude do sujeito lírico. Isso implica que o fazer literário deve transcender a obra, o sujeito e o universo que ela representa. A transcendência parte tanto do signo que se traduz em conceito geral para representar uma ideia que nunca pode ser exata ou absoluta.

O que mais chama a atenção é o poder que o signo tem em expressar o sentido proposto e, ao mesmo tempo, possibilitar um universo de leitura além da própria linguagem sem fugir dela. Certamente esse poder simbólico e metafórico se dá não só no nível da organização sintática e estética, mas também através do interpretante que media o signo e o sentido. É esta cognição resultante desse processo que constrói uma transuasão.

O processo de transuasão no poema acontece quando o signo possui a capacidade de expressar cognição para um determinado interpretante pertencente ao mesmo universo de representação do signo. Peirce (2010, p. 27) destaca que a transuasão sugere translação, transação, transfusão, transcendental por ser “[...] mediação, ou a modificação da primeiridade e da secundidade pela terceiridade, tomada à parte da secundidade e da primeiridade; ou, é ser enquanto cria Obsistência”. No nível do interpretante, a transuasão nesse caso opera quando condiciona a um signo a capacidade de veicular certa informação a respeito de um objeto sob determinada circunstância ou funcionalidade, cujo processo acarreta outro objeto por formar outro signo a partir do primeiro. Seja tomada como exemplo a seguinte pergunta: quando

é que existe literatura? Considerando esse questionamento como signo primeiro, releva-se que a elaboração parte do universo de conhecimento de mundo do próprio enunciador. Levar em conta que a literatura passa a existir a partir de um determinado espaço de tempo, implica-se que o processo de construção e composição da arguição parte da ausência dessa informação. Não saber quando de fato a literatura passa a existir implica, de certo modo, que o sujeito conhece que ela existe a partir de certo momento. A busca pelo *quando* se desenvolve e traduz-se em linguagem tornando-se signo que, por seu turno, produz um efeito de cognição no interlocutor. A obsistência produzida pela pergunta, que é signo, causa uma reação no interlocutor que passa a refletir sobre o possível objeto levando em conta o universo de conhecimento que possui. A reflexão sobre a pergunta também se caracteriza como uma busca por um *quando* entre todos os *quando* possíveis. Desse processo algumas informações são traduzidas em linguagem que se torna signo para se manifestar como uma possível resposta.

Em busca pelo *quando* no poema “Tresidelas”, pode-se afirmar que a afirmação de quando a literatura existe parte da negação de sua existência, ou seja, daquilo que ela não é. O argumento pode ser acarretado através do termo *a literatura não existe apenas sob alguma situação* e a proposição *existe apenas alguma situação que nega a literatura ser o que é*. A literatura como existir é primeiramente concebida a partir do que a impede como existência. A comparação entre o ato de retocar a obra e o de botar flor no túmulo revela duas situações que acarretam um terceiro: o existir literário como metáfora. O retoque da obra única manifesta-se como o efêmero do fazer literário. O enfeite encobre o poder de transcendência da obra além de sua clausura. Assim, para haver literatura é preciso que uma obra não se torne túmulo de si mesma. As flores simbolizam o retoque de uma obra que se dissipa em sua própria efemeridade por tornar breve a essência literária. Ainda assim, assume-se que esse poder de cognição só se atinge a partir da própria clausura do poema, embora seja um retoque do sujeito lírico.

Considerando a produção de cognição através desse processo, pode-se dizer que a transuasão no poema apenas espelha um interpretante primário que traduziu certas introspecções em linguagem verbal. A elucidação desse processo pode ser claramente percebida através da seguinte experiência verbal:

ãNo xieset rauleitart
on iPuaí
me Spama
uo Supingara
noudaq
esanpa
croteo
hamin baro
cúnia

moc mu coto
ed pane,,,,,,,,,
,,,,,,,,,,,,,,,,,
moco mueq tabo sfalorzhin
on rópripo lútumo

Essa experiência verbal revela que transuasão-cognição do poema é o processo que produz cognição. A inversão de letras rompe com o sentido do verbo. Embora uma produção textual desse tipo possa ser feita propositalmente como uma experiência estética, o código per si não veicula um interpretante capaz de expressar acuradamente a ideia ou o propósito da composição, pois necessita de um objeto além do verbo. Isso revela que, mesmo mantendo as palavras na mesma posição em cada verso, a alteração lexical produz um tipo de palavra que não acarreta nenhum objeto e que, por conseguinte, não possui um interpretante. Mesmo que essa forma de conjugação sintática tivesse algum objeto, ele se limitaria ao interpretante que poderia manter essa forma de escrita como um código secreto para a troca de informações. Neste sentido, o avesso do poema pode ser entendido como a tênue relação que se estabelece entre o signo e o objeto. Às vezes a linguagem é tratada de modo como se ela fosse de fato aquilo que se pretende representar. Construir um sentido para o poema em seu avesso é dizer tudo o que ele pode ou poderia ser, mas não o que ele é em função de não apresentar um sistema de signo acessível a um determinado interpretante. Dessa forma, a poesia se torna algo mais do que um simples processo de representação de um objeto em linguagem. A partir de Chandler (2007), considera-se que além da reprodução da coisa em si, a representação constitui-se também num modo de construção da realidade.

As considerações de Chandler sobre a representação como construção de uma realidade reforça a ideia de repensar a poesia além de seu efeito cognitivo por uma obsistência transuasiva vinculada à sua clausura icônica. O arcabouço sintático do poema embora às vezes não assuma contorno visual conforme o objeto retratado possui uma iconicidade por se manifestar como uma presença que é uma imagem. Desse modo, a imagem se ordena em torno de uma composição sintática que acarreta o interpretante que o condiciona como poder de cognição. Sem essa coordenação lógica compreende-se que o poema perde o efeito de sentido, como se observa na citação do poema com mudança na posição das letras de cada palavra. Diante disso, pode-se inferir que a organização textual reflete o próprio encadeamento de ideias que se dá no nível do interpretante ao se manifestar como forma de produção de ideias, valores, atitudes, crenças, conhecimento e práticas através de códigos e subcódigos (CHANDLER, 2007). Esses códigos, por fim, transcendem a si mesmo ao implicar outros textos e códigos diversos formando um universo de intersemiose *in continuum ad infinitum*.

Essa forma de percepção do poema constata que, mesmo não residindo em si

o sentido que expressa, o poema escrito é uma imagem que se faz parte do mundo objetivo. A transuasão permite que a relação entre os signos que constituem o poema seja capaz de expressar um poder cognitivo que ultrapassa as fronteiras do texto. Se isso não fosse possível, todo poema — como também um texto em prosa — poderia ser considerado como um espelho ao avesso, isto é, sem reflexo. Sem a transuasão, o poema seria apenas um signo possível sem acarretar um conceito geral. Logo, não haveria sentido.

Considerando que o efeito cognitivo de um poema constitui-se na transuasão, então é possível considerar que esse processo de construção de sentido deve acontecer de dois modos distintos: endofórica e exoforicamente. O primeiro diz respeito à transuasão que se estabelece no interior de um mesmo poema através da relação entre os signos que o constituem, podendo ser chamada de transuasão sintático-endofórica. O segundo, por seu turno, acontece quando o poema assume a essência de veicular informação cujo objeto não seja o próprio signo, criando um conceito geral através de um interpretante. Esse processo de cognição pode ser chamado de transuasão sintático-endoexofórica, pois considera tanto a relação entre o signo verbo-visual como o universo de ideia que se implica da semiose. Estes tópicos são analisados em outros capítulos de minha dissertação *Os caçadores de prosódias* (1994): uma análise semiótica da poesia de Durvalino Couto (NASCIMENTO, 2018).

A partir dos pontos discutidos neste recorte de pesquisa, é possível apontar que no âmbito da terceiridade o poema constitui seu poder de cognitividade a partir da relação transuasiva que se estabelece entre as palavras que sustentam seu arcabouço. Clausura e rasura revelam a cognoscibilidade poética entre verbo e não-verbo, presença e vazio. Considerando sua funcionalidade, o poema atua como signo que é uma representação metafórica daquilo que ele não é. A singularidade de seus atissignos constrói um efeito cognoscível em virtude de atribuir um conceito geral que camufla a essência das unidades menores. A operação do poema é uma presença que possui um poder de cognição. O avesso do poema é o outro lado do signo vazio de sentido. A leitura do poema revela a não possibilidade de abarcar um objeto absoluto, visto que o signo representa aquilo que ele não é. Desse modo, por ordenar-se num sistema de signos que representam apenas ideias e conceito geral, pode-se dizer que o poema imita a si mesmo. O sentido surge da transuasão tornando o signo em poesia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (Língua(gem); 9)

BADIOU, Alain. **Pequeno manual de inestética**. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CHANDLER, Daniel. **Semiotics**: the basics. 2 ed. New York: Taylor & Francis e-Library, 2007.

DEELY, John. **Semiótica básica**. Tradução Julio C. M. Pinto. São Paulo: Ática, 1990. (Série Fundamentos; 80)

DE WAAL, Cornelis. **Sobre Pragmatismo**. Tradução Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

DURVALINO COUTO. **Os caçadores de prosódias**. Teresina: Projeto Petrônio Portela / Fundação Cultural do Piauí, 1994.

KRESS, Gunther. Sociolinguistics and social semiotics. In: COBLEY, Paul (ed.). **The Routledge companion to semiotics and linguistics**. London and New York: Routledge /Taylor & Francis e-Library, 2005, p. 66-82.

MERRELL, Floyd. Charles Sanders Peirce's concept of the sign. In: COBLEY, Paul (Ed.). **The Routledge companion to semiotics and linguistics**. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2005, p. 28-39.

NASCIMENTO, Josivan Antonio do. **Os caçadores de prosódias (1994): uma análise semiótica da poesia de Durvalino Couto**. 2018, 229 f. : il. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, 2018.

PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**. Edição bilíngue; tradução Doralice Alves de Queiroz; apresentação Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução José Teixeira Coelho Neto; 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Estudos; 46; dirigida por J. Guinsburg)

_____. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Charles Hartshorne, Paul Weiss (vols. 1-6); Arthur W. Burks (vols. 7-8) (eds.). Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958, 8 vols.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & Literatura**. 6 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos; 103)

_____. **A assinatura das coisas: Peirce e a literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SEBEEK, Thomas Albert. **Signs: an introduction to semiotics**. 2 ed. Toronto: University of Toronto Press, 2001.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-234-0

